

Editorial

Os *Cadernos de filosofia alemã: Crítica e Modernidade*, periódico integrante do portal de revistas da Universidade de São Paulo, apresenta seu volume 21, número 1 de 2016.

Informamos que a partir do próximo número, além de artigos e resenhas em português e espanhol, também aceitaremos submissões em inglês ou francês e submissões bilíngues (em português e inglês ou em português e francês).

Neste número, apresentamos 7 artigos, 2 resenhas, 3 traduções e 1 entrevista. Luiz Sérgio Repa, em “Reconstrução e crítica imanente: Rahel Jaeggi e a recusa do método reconstrutivo na Teoria Crítica”, questiona a posição desta autora no que diz respeito à identificação da crítica reconstrutiva como uma forma de crítica interna. Contra esta concepção, Repa analisa o modelo habermasiano de crítica reconstrutiva, argumentando que este é um novo tipo de crítica imanente, distinto da crítica da ideologia.

João Carlos Brum Torres, em “Notas sobre a concepção hobbesiana das relações do desejo e da razão com o tempo”, investiga como Hobbes articula a relação do desejo com o tempo, concluindo pela possibilidade de se fazer do futuro um guia para a vida. Para tal, comenta-se a relação que Hobbes estabelece entre a racionalidade e o tempo, como este compreende a metafísica do tempo, da vida e das paixões, sua concepção dos sinais, dos nomes e da linguagem e de sua relação com o cálculo, e a sua tese sobre o estatuto da felicidade humana.

Em “A teoria da modernidade de Habermas e a questão do racionalismo ocidental: uma crítica à cegueira e à romantização do racionalismo”, Leno Danner reconstrói a compreensão habermasiana dos

Editorial

fundamentos do racionalismo ocidental, em sua relação com a formação de uma consciência moral universalista, para, em seguida, apontar os limites de sua concepção. Argumenta-se contra o sentido “colonizador, missionário e messiânico do racionalismo europeu” e propõe-se uma crítica interna do racionalismo.

Nicolas Allés, em “Kant Rawls y la razón pública”, critica o conceito de razão pública rawlsiano a partir de uma perspectiva kantiana. Considera-se que uma versão mais kantiana da razão pública permite superar algumas limitações da proposta de Rawls, especialmente no que se refere à questão da igualdade política.

Luiz Philipe de Caux comenta o texto “Excertos do livro de James Mill ‘*Éléments d’économie politique*’”, de Karl Marx, cuja tradução, de sua autoria, é publicada neste volume, um texto de interesse tanto para a interpretação da obra de Marx como para a teoria do reconhecimento contemporânea.

Marco Sabatini, em “A morte filológica de Nietzsche: o período pré-homérico e a filologia clássica”, investiga o fato de a filologia moderna desconsiderar as contribuições trazidas pelos estudos de Nietzsche do período pré-homérico. O autor encontra duas razões para tal: a ausência de provas arqueológicas e filológicas que corroborassem suas hipóteses e o fato de suas descrições representarem uma afronta moral a concepções da modernidade.

Em “Sobre a possibilidade de reflexão ética fora da abrangência da crítica nietzschiana à moral”, Daniel Temp contrasta duas concepções divergentes na literatura de comentário inglesa sobre a crítica de Nietzsche à moral, as posições de Foot e Nehamas e de Leiter. Questionando ambas, o autor considera que esta crítica, ainda que vise todo modelo de teoria moral baseado na obrigação, não é uma crítica radical no sentido de excluir um modelo alternativo, que pode

Editorial

ser situado no campo da reflexão ética.

Este número conta também com duas resenhas, de Chiara Pasqualin sobre o livro *Arte e técnica em Heidegger*, de Irene Borges-Duarte (Lisboa: Documenta, 2014), e de Ítalo Ishikawa sobre o livro *Nietzsche e o ressentimento*, de Antonio Edmilson Paschoal (São Paulo: Humanitas, 2015, Coleção Nietzsche em Perspectiva).

Além da já mencionada tradução do texto de Marx, este número apresenta três cartas de Kant sobre o ensino e a educação, precedidas de uma apresentação do tradutor, Edmilson Menezes. E também a tradução de alguns excertos dos comentários de Christian Garve à sua tradução de *Grundsätze der Moralphilosophie*, por Eveline Campos Hauck, com a colaboração de Marcella Silva e Márcio Suzuki, e apresentação de Eveline Campos Hauck.

Adriana Novaes entrevista o Professor Richard Bernstein, que fala sobre sua trajetória intelectual, sua aproximação com Hannah Arendt e sobre como percebe as tendências do presente.

Por fim, reforçamos o convite às nossas leitoras e aos nossos leitores para que contribuam, através da submissão de textos, com a interlocução filosófica que os *Cadernos* pretendem estimular e aprofundar.